



A BARREIRA IMPERCEPTÍVEL DA IDADE – ENFRENTANDO O ETARISMO NO MUNDO PROFISSIONAL, NAS COMUNICAÇÕES E NO FOMENTO AO ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL

Tainara Aparecida da Silva Oliveira¹, Catarina Roberta Nunes Pieralisi², Leonardo Pestillo de Oliveira³, José Valderlei da Silva⁴.

¹Mestranda do Programa de Pós Graduação em Promoção da Saúde, Campus Maringá-PR, Universidade Cesumar - UNICESUMAR. Bolsista CAPES - UniCesumar. emailtai.nara@gmail.com

²Mestranda do Programa de Pós Graduação em Promoção da Saúde, Campus Maringá-PR, Universidade Cesumar - UNICESUMAR. Bolsista CAPES - UniCesumar. nutri.catarinaandrade@gmail.com

³Orientador, Doutor, Programa de Pós Graduação em Promoção da Saúde, Campus Maringá-PR, Universidade Cesumar - UNICESUMAR. leonardo.oliveira@unicesumar.edu.br

⁴Co-orientador, Doutor, Programa de Pós Graduação em Gestão Do Conhecimento Nas Organizações, Campus Maringá-PR, Universidade Cesumar -UNICESUMAR. jose.vsilva@unicesumar.edu.br

RESUMO

A diminuição das taxas de natalidade e o aumento da população idosa em todo o mundo trazem desafios e oportunidades para a saúde pública, especialmente na promoção de um estilo de vida ativo. No entanto, o etarismo, ou discriminação por idade, prejudica a inclusão social e o bem-estar dos idosos, afetando o mercado de trabalho e a adoção de tecnologias. Este artigo, baseado em uma revisão narrativa da literatura, discute como o etarismo se manifesta no ambiente profissional, nas comunicações e no fomento ao envelhecimento saudável. Analisa a influência de estereótipos negativos na tecnologia digital e a representação dos idosos na mídia, que frequentemente os retrata de forma simplificada ou como um fardo. A pandemia de COVID-19 evidenciou o ageísmo, com o surgimento de hashtags depreciativas e um "ageísmo benevolente". Pesquisas indicam que a interação intergeracional e a educação podem mitigar o etarismo, mas a discriminação persiste, afetando a participação dos idosos em diversas atividades. Conclui-se que é crucial reconhecer e valorizar as capacidades dos idosos, implementando políticas e práticas que promovam a inclusão e combatam o preconceito, indo além de discursos superficiais.

PALAVRAS-CHAVE: Ageísmo; Envelhecimento; Inclusão social; Mercado de trabalho; Mídia.

1 INTRODUÇÃO

A diminuição das taxas de natalidade e o aumento da população idosa em todo o mundo trazem, além de desafios, oportunidades para a saúde pública, especialmente no que diz respeito à promoção de um estilo de vida mais ativo para as sociedades atuais. No entanto, o etarismo ou ageísmo – a discriminação em função da idade – ainda presentes prejudicam tanto a inclusão social quanto o bem-estar dos idosos. A Organização Mundial da Saúde (OMS) define o ageísmo como qualquer forma de preconceito, estereótipo ou discriminação que se baseia na idade de um indivíduo; isso pode ter consequências para a saúde, que podem ser tanto mentais quanto físicas (Ng et al., 2022).

Promover o envelhecimento ativo e valorizar as contribuições dos idosos é fundamental para estimular a inclusão social. Atualmente, o ageísmo afeta diversas esferas da sociedade. Pesquisas atuais indicam que a idade, associada a preconceitos e estereótipos relacionados, tem um impacto significativo na vida dos idosos, especialmente em relação ao ambiente profissional e à adoção de tecnologias (Mannheim et al., 2023) (Qvist e Larsen, 2025).

O ageísmo nas contratações representa é um grande desafio. Um estudo realizado na Dinamarca com mais de 5.000 empregadores indicou que os candidatos que têm mais idade são selecionados com menor frequência, independentemente do setor. Além disso, se eles enfrentam outras dificuldades, como estar desempregados ou desejar trabalhar em



regime de meio período, as suas oportunidades de contratação caem consideravelmente, podendo chegar a ser praticamente inexistentes.

A questão não se limita apenas ao mercado de trabalho, mas se estende também ao setor tecnológico. Mannheim et al. (2023) investigaram de que maneira os estereótipos negativos a respeito dos idosos influenciam a forma como a tecnologia digital é desenvolvida, muitas vezes de maneira imperceptível. Embora a inclusão seja amplamente discutida, a realidade evidenciada pelo estudo é que os idosos raramente estão envolvidos no processo de desenvolvimento dessas tecnologias. Isso resulta em produtos que não satisfazem suas demandas, o que os distancia ainda mais do ambiente digital. Essa situação é preocupante, considerando a importância crescente dessas tecnologias na preservação da saúde, na prática de atividades físicas e na promoção de interações sociais, o que influencia diretamente sua aceitação e uso.

A análise das representações sociais dos idosos na mídia também demonstra um padrão de exclusão e simplificação. Segundo Imran (2023), a mídia australiana frequentemente os apresenta como um fardo financeiro, reforçando a ideia de dependência e inatividade. A forma como um país retrata essa faixa etária pode influenciar tanto a elaboração de políticas públicas quanto a forma como os próprios indivíduos se veem, limitando suas oportunidades de engajamento social e profissional. Por outro lado, o “ageísmo visual” reduz a imagem dos idosos a estereótipos de fragilidade ou a uma concepção idealizada e distorcida da velhice (Ivan et al. 2020).

Pesquisas mostram que a união de diferentes faixas etárias com abordagens pedagógicas e métodos de ensino variados é eficaz na diminuição do etarismo. O uso de vídeos educativos em conjunto com a interação direta entre jovens e idosos gera um efeito positivo na desmistificação do ageísmo. A apresentação de histórias mais autênticas sobre o envelhecimento também ajuda a desfazer estereótipos associados a essa fase da vida (Lytle et al., 2020; Lytle, 2024).

As visões limitadas são apoiadas por um senso comum relacionado à idade, conforme demonstrado pelo trabalho de Ayalon e Bramajo (2023). O estudo deles mostrou que, a experiência de ageísmo costuma crescer à medida que as pessoas envelhecem, especialmente após os 50 anos, alcançando uma estabilidade por volta dos 75 anos. Significativamente, essa percepção demonstrou ser constante e resistente a transformações sociais, sugerindo que a discriminação relacionada à idade é ampla e duradoura, afetando a inclusão dos idosos em atividades esportivas, sociais e de lazer.

Profissionais de saúde, do esporte, educadores e gestores públicos devem reconhecer essas barreiras e trabalhar de maneira proativa para superá-las. Além das intervenções convencionais na saúde, é essencial criar um ambiente inclusivo, onde os idosos sejam reconhecidos como indivíduos ativos e valiosos para a sociedade.

Diante desse cenário, torna-se fundamental aprofundar a compreensão sobre como o etarismo se manifesta e quais estratégias podem ser efetivas para seu enfrentamento. Assim, este artigo busca analisar criticamente o fenômeno em diferentes contextos sociais com ênfase no ambiente profissional, tecnológico e midiático, identificando seus impactos e propondo caminhos para mitigá-lo. Paralelamente, procura-se identificar, na literatura recente, as principais manifestações do etarismo no mercado de trabalho e suas consequências para a inclusão profissional de pessoas idosas; examinar a influência das representações midiáticas na formação de estereótipos ou na sua desconstrução; investigar a presença ou ausência de idosos no desenvolvimento e adaptação de tecnologias digitais; apresentar estratégias baseadas em evidências para a promoção do envelhecimento ativo e da inclusão intergeracional; e mapear lacunas de pesquisa que orientem futuros estudos sobre o tema.



2 MATERIAIS E MÉTODOS

O presente editorial foi construído a partir de uma revisão narrativa da literatura, com abordagem exploratória e qualitativa, visando contextualizar e discutir o etarismo em diferentes esferas — profissional, tecnológica, midiática e social. A busca de informações foi conduzida nas bases PubMed, Scopus e Web of Science, considerando publicações no período de 2020 a 2025.

Os descritores utilizados, em inglês, foram combinados com operadores booleanos para ampliar a abrangência da pesquisa: ageism, age discrimination, older adults, active aging, intergenerational contact, media representation of aging, workplace discrimination, digital inclusion e social stereotypes. Além disso, foram incluídos estudos clássicos que, mesmo fora do recorte temporal, apresentaram relevância para a compreensão do fenômeno.

Como critérios de inclusão, foram selecionadas publicações que abordassem o ageísmo de forma interdisciplinar, relacionando-o a áreas como saúde pública, comunicação, políticas públicas, mercado de trabalho e design tecnológico. Foram priorizados trabalhos que apresentassem dados empíricos, revisões sistemáticas ou de escopo, e análises teóricas consistentes.

O material obtido foi analisado de forma crítica e interpretativa, buscando identificar padrões, lacunas e convergências nos achados. As informações foram organizadas em eixos temáticos que sustentaram a argumentação do editorial, permitindo relacionar as evidências científicas com reflexões propositivas para o enfrentamento do etarismo e a promoção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Além disso, estudos recentes aprofundam a compreensão sobre como o etarismo se entrelaça com outras formas de discriminação. Tice-Brown et al. (2024) identificaram que, embora não haja diferenças estatisticamente significativas na percepção de ageísmo entre raças, há diferenças marcantes na percepção de racismo, especialmente entre pessoas idosas negras. Essa interseccionalidade demonstra que o envelhecimento não é vivenciado de maneira uniforme, e que múltiplas opressões podem intensificar barreiras sociais e de saúde. Portanto, políticas públicas e estratégias de promoção da saúde precisam reconhecer e enfrentar essas sobreposições de desigualdades, evitando abordagens únicas e homogêneas que invisibilizam experiências específicas.

No que diz respeito ao mercado de trabalho, o relatório da National Academies of Sciences, Engineering, and Medicine (2020) oferece uma análise detalhada sobre a força de trabalho envelhecida, mostrando que a idade cronológica é apenas um dos fatores que influenciam as oportunidades de participação profissional. Desigualdades acumuladas ao longo da vida, políticas organizacionais excludentes, ambientes de trabalho pouco adaptados e condições econômicas instáveis interagem para limitar as possibilidades de contribuição dos mais velhos. Esses achados reforçam que não basta discutir a 'inclusão' de forma genérica, é necessário repensar estruturas, adaptar tarefas, oferecer oportunidades de requalificação e criar sistemas de suporte que mantenham a dignidade e a autonomia no trabalho. Sem essa transformação estrutural, o discurso inclusivo corre o risco de se tornar mera retórica.



Outro aspecto relevante é o papel dos profissionais de saúde na perpetuação ou mitigação do etarismo. Fernández-Puerta et al. (2024) observaram que, embora o nível geral de ageísmo entre trabalhadores da saúde seja baixo, há variações significativas relacionadas à formação e à experiência. Profissionais com menor contato com idosos ou com pouca formação específica em geriatria tendem a apresentar atitudes mais preconceituosas. Isso evidencia que a capacitação continuada é um elemento-chave para a construção de ambientes de cuidado verdadeiramente inclusivos.

No campo do envelhecimento ativo, a revisão sistemática de Marzo et al. (2023) reforça que a qualidade de vida dos idosos está diretamente associada a múltiplos fatores, incluindo participação social, oportunidades econômicas, acesso a serviços de saúde e ambientes físicos adequados. O estudo destaca que envelhecimento ativo não é apenas ausência de doença, mas um processo de engajamento contínuo que exige suporte social e institucional. Essa abordagem amplia a compreensão de que combater o etarismo não é apenas uma demanda ética, mas também um investimento estratégico para garantir bem-estar coletivo e sustentabilidade social.

Embora o ageísmo nas mídias, tanto tradicionais quanto digitais, e no mercado de trabalho tenha recebido mais atenção, a sociedade ainda não conseguiu estabelecer um enfrentamento realmente eficaz a esses problemas. Comparado ao sexismo e ao racismo, o ageísmo continua a ser pouco discutido e pouco explorado. A inclusão de estratégias educacionais e o incentivo ao contato entre diferentes gerações são, de fato, úteis na luta contra o ageísmo, mas são insuficientes para desfazer esses estereótipos e preconceitos tão arraigados em nossa cultura. Além das iniciativas educacionais, a implementação de práticas corporativas e políticas públicas que garantam a proteção adequada das pessoas idosas vítimas de discriminação, bem como instituir sanções para aqueles que perpetuam esse tipo de comportamento são necessárias.

A mídia tradicional precisa ser responsabilizada pela forma como retrata o envelhecimento, uma vez que desempenha um papel importante na formação de opiniões. Ela não deve idealizar um envelhecimento perfeito nem marginalizar os idosos, uma vez que ambos os extremos geram consequências negativas na maneira como o público enxerga essa fase da vida. Por outro lado, as mídias digitais também precisam se tornar mais acessíveis e intuitivas para os idosos, considerando suas necessidades e experiências desde as fases iniciais de coletas de dados até os testes finais, permitindo o desenvolvimento de tecnologias realmente personalizadas para esse público. Isso é fundamental para promover uma mudança estrutural na percepção sobre o envelhecimento, contribuindo assim para uma sociedade mais inclusiva e justa.

Outra mudança necessária na percepção é no âmbito profissional. Essa barreira etária precisa ser superada e não deve ser um obstáculo à contribuição e ao desenvolvimento do potencial e da criatividade das pessoas. Para que isso aconteça, é fundamental adotar ações concretas, como programas de treinamento, desenvolvimento de políticas de recrutamento e contratação que garantam que a idade não seja um fator de exclusão, não se limitando apenas a discursos sobre inclusão. Igualmente importante é a adoção de trabalhos mais flexíveis, opção essa que tem se tornando cada vez mais atraente para os colaboradores. Além disso, as políticas governamentais precisam promover a participação ativa dos idosos no mercado de trabalho, reconhecendo e valorizando as competências que eles adquiriram ao longo de suas vidas (figura 1).



Figura 1: Prós e contras

Fonte: Os autores

Ainda há muitas limitações no que tange à pesquisa sobre o etarismo. Muitos estudos são conduzidos em contextos específicos e frequentemente se baseiam em materiais disponíveis apenas em inglês. Também é fundamental mais estudos que analisem a percepção por períodos mais longos e com amostras maiores. Existe uma necessidade de estudos interdisciplinares que integrem diversos fatores para compreender o impacto do preconceito e elaborar estratégias mais efetivas para combatê-lo, englobando áreas como políticas públicas, tecnologia, moda, mercado de trabalho, saúde, mídias e o universo acadêmico, assim como pesquisas que explorem a relação com outros marcadores sociais, como gênero, etnia e classe social. Nas pesquisas analisadas, verificou-se também uma tendência a enfatizar excessivamente o discurso negativo relacionado ao envelhecimento e o etarismo por parte de alguns pesquisadores. Esse viés pode influenciar as percepções e tornar os dados tendenciosos. envolveria o cuidado, a vigilância e a educação, o que seriam tarefas tradicionalmente femininas.

4 CONCLUSÃO

O presente estudo evidencia que o etarismo persiste de forma ampla e multifacetada, manifestando-se no mercado de trabalho, nas mídias e no acesso às tecnologias, muitas vezes reforçado por estereótipos históricos. As evidências analisadas indicam que essa forma de discriminação não atua isoladamente: ela se cruza com desigualdades raciais, econômicas e educacionais, intensificando barreiras e limitando oportunidades. Ao mesmo tempo, estudos recentes mostram que o envelhecimento ativo, baseado na participação social, acesso a recursos e reconhecimento das capacidades individuais, está associado a



melhores indicadores de qualidade de vida. Dessa forma, enfrentar o etarismo requer ações coordenadas: políticas públicas robustas, representações midiáticas responsáveis, formação continuada de profissionais e desenvolvimento tecnológico inclusivo. Somente assim será possível promover uma transformação estrutural que reconheça o potencial da população idosa e contribua para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

REFERÊNCIAS

AYALON, L.; BRAMAJO, O. Perceived age discrimination in the second half of life: An examination of age, period, and cohort effects. **Innovation in aging**, v. 7, n. 8, p. igad094, 2023.

IMRAN, Muhammad Asim. Redefining older Australians: moving beyond stereotypes and consumer narratives in print media representations. **Media International Australia**, [S.l.], v. 194, n. 1, 1 nov. 2023. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1329878X231208788>. Acesso em: 11 mar. 2025.

IVAN, Loredana; LOOS, Eugène; TUDORIE, George. Mitigating visual ageism in digital media: designing for dynamic diversity to enhance communication rights for senior citizens. **Societies**, [S.l.], v. 10, n. 4, p. 76, 1 out. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/soc10040076>. Acesso em: 10 mar. 2025.

LYTLE, Ashley. Reducing ageism: comparing the efficacy of videos, written information, and infographics as intervention mediums. **Gerontology & Geriatrics Education**, [S.l.], v. 46, n. 1, p. 34–44, mar. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/02701960.2024.2334739>. Acesso em: 12 mar. 2025.

LYTLE, Ashley; MACDONALD, Jamie; APRICENO, MaryBeth; LEVY, Sheri R. Reducing ageism with brief videos about aging education, ageism, and intergenerational contact. **The Gerontologist**, [S.l.], v. 61, n. 7, p. 1164–1168, out. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/geront/gnaa167>. Acesso em: 12 mar. 2025.

MANNHEIM, I. et al. Ageism in the discourse and practice of designing digital technology for older persons: A scoping review. **The Gerontologist**, v. 63, n. 7, p. 1188–1200, 2023.

NG, Reuben. Ageism on Twitter during the COVID-19 pandemic. **Journal of Social Issues**, [S.l.], v. 78, n. 4, 2022. Disponível em: <https://spssi.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/josi.12535>. Acesso em: 10 mar. 2025.

QVIST, J. Y.; LARSEN, C. A. Age discrimination in hiring: Relative importance and additive and multiplicative effects. **Social Science Research**, v. 126, n. 103135, p. 103135, 2025. Acesso em: 11 mar. 2025.



FERNÁNDEZ-PUERTA, L. et al. Ageism and associated factors in healthcare workers: a systematic review. **Nursing Reports**, v. 14, n. 4, p. 4039-4059, 2024. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/39728656/>. Acesso em: 4 abr. 2025.

MARZO, R. R. et al. Determinants of active aging and quality of life among older adults: systematic review. **Frontiers in Public Health**, v. 11, 1193789, 2023. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/37435519/>. Acesso em: 3 abr. 2025.

NATIONAL ACADEMIES OF SCIENCES, ENGINEERING, AND MEDICINE.
Understanding the Aging Workforce: Defining a Research Agenda. Washington, DC: **The National Academies Press**, 2020. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK588538/>. Acesso em: 4 abr. 2025.

TICE-BROWN, D. et al. Older adults' perceptions of ageism, discrimination, and racism. **Social Work in Health Care**, v. 63, n. 6-7, p. 415-432, 2024. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/38899560/>. Acesso em: 3 abr. 2025.